

O SAMURAI COMO METÁFORA DA SOCIEDADE JAPONESA ¹

DOI: 105902/01028308 21181

Data de submissão: 09-02-2016

Data de Aceite: 01-07-2016

Milton de Souza Coelho

Universidade Federal do Rio de Janeiro
miltsc@gmail.com

Paulo Renato Moreira da Silva Coelho

Intellectus
prmsc@gmail.com

Leandro Nogueira Salgado Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro
insf@gmail.com

Jorge Felipe Columá

UNISUAM / FAETEC
jorgecoluma@ig.com.br

Felipe da Silva Triani

Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO
felipetriani@gmail.com

Resumo: O corpo-samurai, marca a identidade do Japão desde a era medieval. A genealogia desse corpo indica que ele assume formas diferentes em função do prestígio dessa imagem e de sua relação com o Bushido. Na era Tokugawa, privilegiado pelo poder, torna-se uma metáfora da sociedade, depois na era Meiji, torna-se ícone do Japão. E atualmente desloca-se para o plano simbólico. Nesse estudo, analisamos a eficácia desse corpo-samurai e sua ética no Karatê. Observamos que a apropriação dessa imagem altera a subjetividade dos praticantes e tende a reduzir a eficácia do Bushido.

Palavras-chave: Samurai. Bushido. Karatê. Metáfora.

¹O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização

Introdução

Este artigo parte do princípio de que através da análise do discurso (AD), com foco nas metáforas, é possível investigar o modo como a figura do samurai torna-se a imagem primordial da sociedade japonesa, e referencial básica da cultura japonesa.

A metáfora surge assim, como chave interpretativa essencial, na medida em que como revela sua etimologia é da sua natureza transitar: no meio de, entre; atrás, em seguida, depois e à frente. Funcionando como viés de apreensão do mundo social, apresenta ligações subterrâneas com o real já que representa sempre a possibilidade de interferência no real do sentido (SOUZA; GUERRA, 2007).

Embora revele ligações aparentes com o suposto significado, seu compromisso aponta na direção de ligações com sentidos novos ou latentes o que lhe confere a autonomia para emergir relativamente “descolada” de seu suposto sentido primeiro (ORLANDI, 2001). A metáfora nesse viés de acordo com Souza e Guerra (2007, p.37): “é inerente à ruptura operada pela arbitrariedade do signo na explicação da língua, desmascarando a harmonia entre mundo e linguagem”.

Tal enfoque favorece a compreensão do contexto simbólico que deu origem ao “corpo-metáfora” denominado samurai, figura híbrida com conduta regulada por um código ético rigoroso cujos sentidos a “literalidade” não comporta.

Esse processo que opera a transformação do corpo-guerreiro em samurai mostra que a construção dessa metáfora corporal reveste-se de uma noção de disciplina que denuncia o modo como o poder se apropria do corpo nesta sociedade e passa a regulá-lo na vida cotidiana. Sobressai desse corpo-metáfora também uma cumplicidade velada com a ética do Bushido e a estrutura das artes marciais; algo que aparentemente parece não ceder às ações do tempo. Essa aparente “atemporalidade” do corpo-samurai nos instiga a refletir sobre a resiliência desse corpo.

Com esse foco, extraído do universo das artes marciais o karatê shotokan, cuja prática aparentemente demonstra apreço pela tradição, vamos analisar se a figura do samurai e a ética que o conforma predominam ainda nessa modalidade. Afinal, podemos afirmar que o karatê atual é tributário dessa imagem mítica e de sua ética? Será que as pedagogias das

² Bushido= Caminho do guerreiro

artes marciais ainda admitem a ética do Bushido² como imperativo ético?

Eis, portanto o escopo desse trabalho: analisar se a metáfora samurai e sua ética ainda unificam a prática do karatê ou se há fissuras em suas “estruturas”.

Metodologia

Adotou-se uma pesquisa bibliográfica com base na análise do Discurso (ORLANDI, 1993; 2001) e com foco nas condições de produção da metáfora. Ancoramo-nos na ideia de efeito metafórico (ponto de deriva) e de noção de gesto de interpretação, de forma de intervir no real (ORLANDI, 2001) desconsiderando o pressuposto da literalidade. O corpus é formado por artigos produzidos sobre nossa temática (período 2007 - 2011). Todos constantes das bases de dados Scopus, Scielo e Lilacs. O levantamento de dados priorizou artigos publicados nos últimos três anos sobre Bushido, Samurai e Karatê shotokan, com textos produzidos em espanhol e português. O critério de inclusão priorizou textos ligados à pedagogia do karatê e a construção e veiculação do corpo-samurai. Além disso, foram utilizados recortes discursivos de autores tais como: Ratti (2006), Sakurai (2007), entre outros.

Sobre a Metáfora

Podemos afirmar com Marques e Abrahão (2008) que a metáfora constitui um modo de pensar, de organizar e transmitir idéias. E no que tange a ética e moral admitimos, com base em “Moral Imagination” (JOHNSON, 1993), que nossos conceitos morais são definidos por metáforas, a moral é fundamentalmente imaginativa, o que nos instiga a argumentar que a metáfora constitui o cerne da vida moral. Além disso, Johnson (1993) observa que os conceitos surgem em grande parte da estrutura da experiência corpórea.

Tal enfoque favorece a tese de Haroche (1998) com a qual concordamos, de que o estudo de gestos, posições e precedências não só servem como elementos para inspirar uma antropologia política, como também revelam os caminhos do poder que passam necessariamente por cerimônias e rituais, além de estratégias de controle da violência

política. Desse modo, os gestos, posturas e movimentos denunciam a ordem inscrita nos corpos. Fundamentado nesse viés, admitimos que o corpo-samurai, com base nas artes marciais, forja através de um rígido código de ética, a tempera do “samurai” que se estende simbolicamente, ao moderno.

Nesse estudo, portanto, avaliamos como as artes marciais não só perpetua essa imagem mítica do samurai como também veiculam o Bushido como representação idealizada de formação ético-estética e ético-moral.

A METÁFORA SAMURAI: O fio e os rastros

O samurai constitui-se numa das mais ricas produções culturais da sociedade medieval japonesa. Ancorado na imagem de corpo-guerreiro, ele se apresenta inicialmente, como uma representação deste corpo, instituindo-se como uma poderosa arma de guerra. Tendo como origem os clãs, o corpo guerreiro exhibe uma configuração mista que contempla a um só tempo os ideais dos clãs e do Imperador (Xogum). Ratti (2006, p. 21) referindo-se as diferenças dos clãs e suas práticas observa que alguns autores

Fazem uma clara distinção entre aquelas especializações formalmente praticadas pelos guerreiros japoneses (bushi) e aquelas que [eram] desprezadas por que eram praticadas pelos membros de outras classes inferiores dentro da hierarquia rigidamente estratificada da nação japonesa.

O autor desmitifica a ideia de que todo guerreiro era Samurai. Mas, à medida que se vincula a um código de ética estruturado no calor da batalha, e na reflexão da classe hegemônica, esse corpo marcial ganha contornos diferentes, apresentando uma configuração estética e ética que o conformam como samurai ou aquele que serve.

Inscrito numa lógica que o aproxima da servidão voluntária de La Bouet (sec. xvi), o corpo desse guerreiro, sob a orientação de uma forte diretriz ética, torna-se uma verdadeira máquina de guerra a serviço da nobreza japonesa.

Constatamos aqui que o fio do discurso (intradiscurso) ancora-se no não dito, porém já-dito (ORLANDI, 1993) para legitimar-se e configurar o corpo na nova ordem de sentidos.

Fiel à tradição dos clãs, o samurai, mantém vínculos duradouros com a escola de

³Poderoso senhor de terras no Japão pré-moderno.

formação marcial (bujutsu) ligada ao feudo de seu daimio³. Assim sendo, seus movimentos exibem um padrão estético que o associam a essa escola, a esse grupo de combate em particular.

Porém essa tradição onde os daimios tinham uma grande autonomia para fomentar estilos de artes marciais e movimentar a máquina de guerra, tende a enfraquecer-se na era Tokugawa.

Esse processo, que culmina com o fortalecimento cada vez maior do Xogum (espécie de general) exige uma reestruturação do budo (caminho da arte marcial) que paulatinamente transforma-se no Bushido (caminho do guerreiro).

Nesse viés, ocorre um deslocamento de sentido da arte marcial como instrumento essencial da máquina de guerra para a dimensão de ferramenta pedagógica de formação, já que a arma de fogo introduzida em 1575 reduziu a eficácia desse tipo de instrumento como arma de guerra. Assim sendo, aliada a essa nova conotação das artes marciais o Bushido diferentemente do budo que centrava o seu foco na arte marcial emerge como forma estratégica de unificação de valores e condutas dirigindo seu foco para a formação do indivíduo.

A era Tokugawa, portanto, funciona como um marco no processo de transformação do Budo em Bushido, o qual tende a legitimar-se e universalizar-se ao longo desse período.

Isto posto, independente do clã, o samurai passa a agir sob a égide de um imperativo ético que o induz a usar o seu corpo como arma de guerra apenas em situações muito bem definidas.

O diferencial nesse caso é que o Bushido (código de ética) impõe uma forte disciplina, que reduz o limiar de violência física “possível” e em consequência, a belicosidade dos samurais algo que marca o processo de afirmação e estabilização da sociedade japonesa na era Tokugawa⁴.

Nesse viés, o samurai passa a seguir o caminho do guerreiro (Bushido⁵), que à medida que se sedimenta como código de conduta, mantém laços tradicionais de fidelidade e lealdade ao Daimio (espécie de barão) e também ao Xogum.

Seguindo a tradição, dos clãs o samurai jurava fidelidade e lealdade⁶ absoluta até a

⁴ Citamos o período Tokugawa porque nele ocorre a sedimentação da unificação iniciada na gestão de Oda Nobunaga (Sakurai, 2007).

⁵ Bushi= guerreiro; Do= caminho. O termo define a conduta do guerreiro em termos éticos e sociais.

morte ao seu Daimio. Além disso, assumia a responsabilidade de zelar pelo bem estar de sua família, a quem devia preservar para não manchar o nome dos antepassados, herança simbólica do xintoísmo⁷.

Tal simbolismo inscrevia-se de modo tão visceral na formação dos samurais, que durante os combates corpo-a-corpo⁸, estes eram obrigados por questões ético-culturais, a declinar todos os nomes dos guerreiros vinculados a sua linhagem.

Estamos, portanto, diante de uma metáfora incomum, já que ela sintetiza num só corpo a continuidade de uma tradição de guerreiros, e a incorporação de um forte sistema ético que sem desconsiderar as tradições e a religiosidade, à medida que se impõe, modula as condutas e estabelece uma verdadeira geografia da honra (HAROCHE, 1998).

A ligação do caminho do guerreiro com o xintoísmo e budismo aumentou a legitimidade desse código de ética como instrumento de formação do indivíduo e facilitou sua aceitação e disseminação. Assim sendo, no período de transição do budo para o bushido ocorreu um deslocamento de sentido do conceito de budo⁹ - caminho marcial onde

o guerreiro japonês comprometia-se antes de tudo a seguir um caminho de desenvolvimento espiritual por meio do treinamento marcial. A eficácia da prática desse treinamento de combate passou a ser secundária. (...) nas escolas de combate (jutsu), mais antigas, a função predominava sobre a forma, mas nas escolas do, mais refinadas, a forma e o estilo as vezes sobrepujavam a eficiência marcial (REID; CROUCHER, 2010, p.178).

O budo altera a doutrina do bujutsu e opera um deslocamento de sentido da prática na medida em que ao incorporar o “espírito” do budismo e do Xintoísmo (REID; CROUCHER, 2010, p. 180)¹⁰ altera as dimensões ético-estéticas das artes marciais japonesas: ética porque impõe um novo uso para as artes marciais; estética porque prioriza certos movimentos em detrimento de outros.

O samurai é nesse viés uma reinvenção de corpo (HOBBSAWM; RANGER, 2008) e da tradição marcial já que desloca o sentido da prática para a dimensão de eufemização da morte, ao mesmo tempo, que transforma a prática numa ascese intramundana (WEBER, 2004).

⁶ O conceito de lealdade se fortalece no Japão em virtude do fortalecimento dos Daimios quando “os habitantes do campo e das aldeias passam a estabelecer relações políticas e sociais baseados em laços de lealdade diretamente aos chefes locais” (Sakurai, 2007, p. 95).

⁷Xintoísmo-religião mais popular do Japão.

⁸Combates esporádicos entre dois indivíduos que se confrontavam para defender a sua honra.

⁹Espécie de doutrina, ou código ético que regulava a conduta do guerreiro ou do lutador.

¹⁰Xintoísmo (Sinto) religião cujo nome, quando escrito com caracteres chineses significa o caminho de Deus ou o caminho dos Deuses (REID; CROUCHER; 2010, p.180).

Este deslocamento de sentido, que enfatiza o caráter de religiosidade, conjugado às condições sociopolíticas e culturais especiais, vai acentuar-se no final da era Tokugawa (1867), criando as condições para o aparecimento do samurai como figura alegórica, que se por um lado, aparece dissociado do corpo-guerreiro real, por outro, aparece fortemente ligado a um ideário ético-estético que o credencia como referencial identitário legítimo do povo japonês, algo que o elevará, na era da restauração Meiji (1868), à condição de ícone da cultura japonesa.

Mas, mesmo diante dessa situação de aparente prestígio, a imagem do samurai desconfigura-se e fragiliza-se, distanciando-se do corpo-guerreiro real, o que contribuiu para torná-lo alvo da desportivização cuja força semântica deslocou-o para a condição de símbolo das artes marciais japonesas na era moderna, com reflexos na atualidade.

Corpo-Metáfora Como Efeito de Sentido

As sociedades de modo geral, funcionam a partir de corpos-metáfora cuja função precípua é reunir, atualizar, ou transformar num termo sentidos latentes que combinados com os atuais projetam novas perspectivas de constituição de corporeidades.

Cabe ao imaginário neste caso, comandar de forma silenciosa a constituição dos sentidos que emergirão oferecendo ancoragens ainda que não permanentes, para a constituição dos novos sentidos. O diálogo entre continuidades e descontinuidades constitui a base da legitimidade do novo discurso. Nesse viés Pêcheux, citado em Orlandi (1993, p. 13), observa que:

Não há ritual sem falhas, (...) Por isso é possível à ruptura. Instauração de uma nova ordem de sentidos. O que o caracteriza como fundador - em qualquer caso, mas precipuamente neste - é que ele cria uma nova tradição, ele re-significa o que veio antes e instituiu aí uma memória outra. É um momento de significação importante, diferenciado. O sentido anterior é desautorizado. Instala-se outra tradição de sentidos que produz os outros sentidos nesse lugar. Instala-se uma nova filiação. Esse dizer irrompe no processo significativo de tal modo que pelo seu próprio surgir produz sua memória.

Esse movimento contínuo, de recombinação funciona como uma estrada de mão-dupla, onde referenciais diacrônicos/ sincrônicos estabelecem os limites e possibilidades

de apreensão da imagem de corpo emergente.

Cabe sempre, decifrar o simbolismo desse corpo já que “os verdadeiros símbolos estão na encruzilhada das duas funções que sucessivamente opusemos e fundimos uma na outra; ao mesmo tempo em que disfarçam, eles desvendam” (CUNHA, 2007, p. 131).

Com base nesses argumentos podemos dizer que enquanto no ocidente o imaginário de corpo-religioso, perdia espaço para o corpo-máquina, no oriente, no mesmo período, o imaginário do corpo-samurai (máquina de guerra) figurava ainda como importante referencial identitário. Fruto da fusão de pedaços de memória do corpo-religioso com o corpo-guerreiro, o corpo samurai transformou-se numa espécie de imagem mítica de corpo, marca da fusão de valores e crenças de diferentes épocas, unindo continuidades e descontinuidades.

Marcado por uma visão restritiva, essa metáfora- de corpo funda uma lógica de disciplina corporal que acaba por se espriar por toda a sociedade, naturalizando uma noção de corporeidade que implica na prática, a aceitação de uma disciplina corporal rígida como algo “natural e necessário”.

Influenciado por estas ligações reumáticas com o corpo-guerreiro que desfrutava de ligações legítimas com a religião (Xintoísmo, Budismo), o corpo- samurai migra para diferentes espaços (inclusive para o ocidente) e se afirma como representação “verdadeira”, não só de corpo, mas de imagem de homem probo, honesto polido, cortes cujo perfil o ocidental deve admirar e absorver como imagem de formação adequada. Com esse foco o Karatê Shotokan, vem utilizando historicamente de modo recorrente, essa ancoragem na imagem do corpo-samurai como estratégia para legitimar e garantir a sua eficácia.

Por uma questão de sobrevivência, ele precisa manter vivo o “espírito do samurai” investindo na servidão voluntária como um “ideal de vida” a ser exaltado e naturalizado pelas artes marciais, dentro e fora do Japão. Essas ligações simbólicas, a um só tempo, remetem a figura do mestre, a esfera do sagrado e a atividade marcial, a dimensão de ascese intramundana (WEBER, 2004).

O Bushido, nesse viés, transforma-se num estilo de vida e o mestre, numa figura misteriosa que através do caminho do guerreiro pode promover a “purificação” dos corpos e a transformação de homens comuns em seres especiais.

A imagem que os japoneses projetam de si é de um herói, mas não de um herói qualquer,

é sempre um herói-guerreiro reconfigurado, que através das artes marciais defende de forma subliminar uma perspectiva ética e estética que reforça uma imagem mítica do Japão.

Nesse sentido, a imagem que consumimos dos orientais parece corresponder ao modo como ele se vê e pensa ser visto. Como esse estereótipo não é questionado legitima-se a cada momento que é exposto e veiculado (SAKURAI, 2007).

Esse processo atualiza a memória, restaura elementos estratégicos do imaginário oriental, interdita, silencia e finalmente, organiza a imagem-produto que “precisa ser consumida” pelo ocidente. Significa dizer que

O modo como esse discurso se articula, investe-se de estratégias, investe-se em metáforas que não são sintomáticas, mas ponto de colisão entre continuidade e descontinuidade. (...) A metáfora, portanto, não se traduz em unificação, nem em fragmentação, mas no movimento, no ir e vir entre fragmentação e unificação. Descreve, pois, uma tensão entre agregação e desagregação (MARQUEZAN, 1999, apud SOUZA; GUERRA, 2007, p. 309).

A metáfora nesse viés, não garante a primazia do sentido, nem tampouco sua permanência, visto que é parte de um “continente imaginário” que tal como uma placa tectônica, quando se mexe, reconfigura imagens e desloca os sentidos das práticas, indicando que “o que está em causa não são as ideias, mas as imagens que estruturam todo o agir” (MIRANDA, 2005, p. 13).

O Corpo-Metáfora na literatura

A literatura de artes marciais projeta para o mundo uma imagem mítica de guerreiro personificada na corporatura do samurai. Esse que é figura dominante no Japão feudal, o samurai constrói sua tempera num contexto de guerras e conflitos frequentes. Forjado na lida de uma sociedade violenta, o samurai encontra no budo e na lealdade ao seu senhor, seus elementos de contenção, de autocontrole e, de apreço pela conduta cortês.

Misto de combatente e de cavaleiro, regido pela disciplina férrea de um código ético, esse corpo-samurai emerge como a mais vigorosa imagem da sociedade japonesa, transformando-se literalmente na metáfora viva dessa sociedade japonesa medieval.

A força desse código pode ser vista e avaliada através do texto de Dhoquois (1993)

quando resgata da cepa história do Japão a peça intitulada “Kanadehon Chûshingura” (os quarenta e sete Rônin) de 1748, que retrata:

a vingança de samurais cujo mestre fora obrigado a cometer suicídio”; [motivo]: um erro cometido por ele no protocolo; o mestre saca seu sabre, desafia outro senhor da corte e é condenado a se suicidar. [“cabia a seus samurais] se colocar ao dispor de outro senhor, ou vingar seu mestre através da morte do senhor que o compeliu ao suicídio”. [os samurais optam pela segunda solução e] realizam seu plano. Depois do objetivo atingido, suicidam-se todos sob ordem, por seppuku, como seu mestre (p. 133).

Neste caso, a convergência entre ética e estética conferem a violência uma função purificadora; o seppuku torna-se não um ato violento, mas um último ato de polidez, de resgate da honra, manchada pela quebra de um protocolo (DHOQUOIS, 1993).

É, portanto, essa ética do samurai, essa cultura da honra e da polidez, que ressignificada nas artes marciais desportivizadas, continua atuando com força simbólica para conter, e adormecer essa violência intestina que nos assola. Dhoquois (1993, p. 125) reforça essa tese quando diz que “se a polidez é uma violência feita à violência, quanto mais violento for o povo japonês, mais polido ele será”.

Essa imagem idealizada do samurai legitima-se na modernidade como representação autêntica do Japão e passa a figurar como produto estratégico de primeira linha para exaltar a sociedade japonesa, seus dotes e sua cultura. Sakurai (2007, p. 327) a propósito discute que “se existe um ícone que se associa ao Japão, esse é o do samurai. Sua figura está na base da identidade japonesa, sendo uma referência em muitos momentos da história do Japão desde o século XIX”.

Essa plasticidade confere a esse “corpo-metáfora” não só o poder de transitar relativamente livre pelos contextos, como também lhe permite inaugurar novas perspectivas da realidade, sugerindo algo que transcende a materialidade corporal e a suposta literalidade. É o que sugere, neste caso, a imagem de corpo e de conduta ética sugerida pelas artes marciais, incluindo as desportivizadas.

O corpo-metáfora (samurai), neste caso, é usado como ferramenta ideológica para vender uma imagem idealizada que ao se transferir para os diferentes produtos da cultura japonesa (filmes de artes marciais, livros, roupas, brinquedos, anime, pacotes de cursos de

autodefesa e outros) favorece a adesão aos valores daquela sociedade.

Neste processo intervém o imaginário social cuja força não só comanda de forma silenciosa a constituição de novos sentidos, como também, atua desqualificando ou desautorizando sentidos supostamente estabilizados (ORLANDI, 1993).

Nesse viés cabe registrar que o imaginário do corpo-máquina que é fruto da bacia semântica (DURAND, 2001) do capitalismo, atua modulando as reconfigurações corporais, nos países onde predomina a cultura do capitalismo.

Na prática foi o que ocorreu no Brasil, onde o corpo-samurai interagindo com fragmentos do corpo-máquina privilegiou o uso da abordagem competitivista, que tem a competição e a organização espacial como atributos básicos.

A influência do primeiro atributo fez com que a maioria das lutas, que viviam à época, um período de autoafirmação, mostrasse eficiência e eficácia como atividades não só esportivas, mas também como atividades de ataque e defesa.

Como produtos dessas influências tiveram as invasões de academias que vez por outra aconteciam e tinha, via de regra, uma dupla finalidade: testar a eficiência da luta, acompanhada por uma forte dose de personalismo do desafiante, e facilitar a expansão do estilo de luta vinculado àquele profissional (PRONI, 1994).

O segundo atributo implicou um modo peculiar de apropriação do espaço para o desenvolvimento da prática. Diferentemente dos países de origem, onde questões de ordem socioculturais implicavam uma abordagem que favorecia a prática em diferentes locais com enfoques variados, no Brasil a opção pela academia conferiu maior visibilidade, entre outras artes marciais, ao karatê shotokan e facilitou a disseminação de padrões de treinamento.

Graças à circulação neste campo das ideias de desempenho e eficiência (DURAND, 2001), a formação dos lutadores de modo geral, passou a exibir sentidos e práticas nem sempre fieis à tradição. Proni (1994) registra que tal fenômeno ocorre em função da adaptação da arte marcial às novas condições socioculturais.

A transposição de artes marciais como o judô e o Kung Fu da cultura japonesa e da

chinesa para a cultura francesa ou norte americana significou pelo que sabemos uma transformação em aspectos essenciais de ambas as tradições. O modo de praticar a arte, assim como o perfil dos praticantes e o próprio sentido social a elas atribuído, tudo isso foi se transformando rapidamente, devido às necessidades de adaptação a dinâmicas socioculturais completamente diferentes (p. 401).

Esse movimento de reapropriação das artes marciais pela via quase exclusiva do esporte implicou uma alteração significativa na relação mestre-discípulo cuja influência era vital no processo de transmissão de valores e significados dos processos ritualísticos responsáveis pela perpetuação do arcabouço imaginário das artes marciais (PRONI, 1994).

Mas se por um lado admitimos que os corpos-metáforas tendem a fazer concessões, não podemos prever com exatidão o nível da concessão. É o grau de autonomia do mestre e o compromisso com a imagem do corpo-samurai que sua prática veicula que garantirá a legitimidade e sobrevivência do corpo-metáfora emergente.

Significa dizer que essa imagem-síntese que se reestrutura de forma permanente, num ato de remissão precisa, para sustentar o dizer, recorrer ao não dito, porém já-dito, do corpo-samurai.

O corpo-samurai mostra desse modo, através da ética, dos gestos, e dos rituais que o acompanham, que não é um vazio semântico, algo desprovido de memória; ele traz ainda que de forma tênue pedaços de memória temporalizada (ORLANDI, 1993) que se por um lado permitem a fundação de outro discurso sobre esse corpo, por outro, mostram que ligações rizomáticas continuam a denunciar seus compromissos tácitos com contextos passados, algo que implica a ideia de dialogicidade como parte do método interpretativo.

Torna-se relevante nesse caso, analisar o modo como a imagem do corpo-metáfora é apreendida em cada contexto. Nesse viés, cabe diferenciar iconografia de iconologia já que isso altera os sentidos da imagem. Pois, se por um lado, a análise iconográfica remete a descrição da forma, da estrutura da imagem enquanto quadro significativo, focando a imagem como algo próximo da ideia do signo Peirceano (SANTAELLA, 2000) conferindo ao processo interpretativo a visão de dualismo excludente onde, a relação entre contrários é vista como espaço de conflitos, de divisão, ao invés de complementaridade; Por outro lado, na análise iconológica, a imagem do corpo-metáfora é concebida a partir da ideia de uma dualidade-interativa; que contempla o ângulo de visão explorado pelo construtor da imagem. O olhar de quem constrói a imagem e o modo como organiza os elementos desta

no âmbito do contexto, passa a ser determinantes para efeito de análise/interpretação.

A ideia de dialogicidade e a de captação da imagem do corpo-samurai como texto contribui para a superação da ideia de signo e permite trabalhar a questão do diálogo da imagem com a exterioridade, algo que implica a aceitação da relativa autonomia do sujeito e o modo como a subjetividade demarca no campo da imagem o seu território. A iconologia nos lembra de sempre que devemos captar a imagem, mas não ficar preso apenas a ela já que ela se afigura como uma síntese momentânea.

Discussão dos dados

Essa particularidade de figura híbrida que a um tempo somente se nutre de sentidos latentes, sem descolar-se dos sentidos que circulam no contexto presente, tornam a metáfora estratégica para desvelar as redes de significados que conformam o imaginário do corpo samurai. A forma dúbia, da metáfora permite desvelar o funcionamento dos operadores discursivos, a partir das falhas, no rastro deixado na suposta “literalidade” pelo simbólico, pelo político e pelo ideológico (ORLANDI 2001, p. 21).

A forma dúbia desse termo que lhe permite num momento “operar a transferência de significados” e noutra inaugurar novos sentidos, lhe confere a capacidade de funcionar no espaço tenso entre a continuidade e descontinuidade. Nesse viés a metáfora tanto pode atuar como fonte agregadora como pode atuar como desagregadora, tanto pode unificar como pode fragmentar, já que seus vínculos na interpretação da análise do discurso vão além dos limites do texto e do contexto, na medida em que ao analisar o dito focaliza o não dito, porém já dito, contemplando as margens do texto como constitutivas do sentido (ORLANDI, 2001).

Com base em imagens e sentidos que são evocados do imaginário social e vem à luz através de descontinuidades, que desorganizam os sentidos estabilizados, e configuram a incompletude do simbólico, atua a metáfora sugerindo que não é possível tudo dizer, mas que sempre resta uma terceira margem, um terceiro excluído (FEDATTO, 2007).

Baseado nestes pressupostos pode dizer que a metáfora corpo-samurai nesse caso, pode exibir dois tipos de compromissos predominantes. O primeiro que remete a suposta

literalidade funciona a partir do sentido denotativo e respalda-se na ideia de deslizamento de sentido sustentado pela crença num sentido original ainda que frouxo. Tem o seu ritmo marcado pela ideia de centralidade do sujeito (fonte dos sentidos) e se sustenta na harmonia com as representações predominantes num determinado espaço social. Esta é a crença que norteia a visão dos que sustentam a ética do bushido como se fora um imperativo categórico, no sentido kantiano. Os discursos sobre o bushido nesse caso tendem a confundir ética com moral, além de apagar os vínculos do corpo- samurai com os clãs, que não só fazem parte da história de constituição desse corpo, como também fazem parte da constituição dos sentidos que este passou a sustentar.

O segundo constrói-se fora das dimensões da suposta literalidade, ancora-se na ideia de conotação e, caminha na direção do afrouxamento ampliado, até o limite do rompimento com o suposto sentido primitivo; tende a configurar o que nominamos deslocamento de sentidos (ORLANDI, 2001).

Tal enfoque sugere um rompimento definitivo com o sujeito estrutural, fruto da tradição da análise transfrásica, que tem como distintiva a “concepção de sujeito, assujeitado, ao sistema linguístico (...) um sujeito que não é livre, sendo preso e limitado ao código linguístico” (KOCH, 2006, apud HEINE, 2008, p. 331). Em contrapartida, assume que o sujeito discursivo é social e ideológico, tendo sua existência visceralmente ligada a um contexto sócio-histórico particular (HEINE, 2008). Esse viés sugere um investimento na tensão permanente entre continuidade/descontinuidade.

A metáfora samurai nesse caso, apresenta uma tendência a apresentar-se com dupla face, pois se por um lado, tende a resgatar seus vínculos com a ética do bushido enquanto imperativo ético, por outro, compartilha do modo de construção da subjetividade contemporânea o que a faz ancorar sua legitimidade em valores tais como: Identidade fragmentada, tribalismo, estetização, bioacese, etc.

Na prática essa tensão tende a reduzir a legitimidade da ética do bushido enquanto imperativo ético, em consequência, instala-se as possibilidades de fragmentação, de polissemia, o que pode resultar na fragmentação da ética do bushido e reconfiguração da formação do karateca na atualidade.

Considerações finais

O estudo mostra que a recorrência de marcas emergentes do imaginário social não garante a preservação da suposta imagem primeva. Tal imagem representa apenas uma síntese temporária de pedaços de memória num contexto determinado (FERREIRA, 2003). Só a compreensão do modo como o poder se apropria dos pedaços de memória e a forma como os organiza numa ordem de sentidos pode nos fazer entender a trama que está por trás da ilusão de linearidade criada pelo processo de apropriação e de reapropriação, algo que cria a ideia de afastamento da imagem primeira, previamente anunciada. Isso se aproxima do que sugere Hobsbawm e Ranger (2008) quando fala de tradição inventada.

O corpo-samurai, veiculado pelas artes marciais marca a identidade do Japão desde a era medieval. Esse corpo assume formas diferentes em função do prestígio dessa imagem. Ocorre, porém, que no contexto das metanarrativas o corpo-samurai tinha status de corpo universal e seu ético status de imperativo categórico, como ainda hoje sustentam na literatura autores como: Ratti (2006), Howard Reid (2010), Cunha (2007) e outros, que significa discutir que a literatura desconsidera os deslocamentos de sentidos provenientes do processo de apropriação.

Mas ao contrário do que ocorria, a sociedade atual coloca literalmente o corpo-samurai numa encruzilhada. Ora, se até a era Meiji (1867) o prestígio do corpo samurai estava diretamente ligado ao imaginário da morte (Thanatos), o que lhe concedia o lugar de máquina de guerra, hoje isso não ocorre já que a desportivização deslocou-o para a esfera do lazer onde o corpo é governado por Eros que concede a prática das artes marciais o lugar de preservação da integridade do corpo e melhoria da qualidade de vida. A subjetividade que permeia a prática é determinante nesse caso. Significa dizer que o modo como a Arte Marcial se apropria do corpo-samurai hoje condiciona a construção da subjetividade contemporânea, ou seja, a formulação do corpo-samurai afeta a significação da arte marcial tanto quanto o sentido desta afeta o corpo-samurai. Neste caso, temos que analisar até que ponto a sociedade moderna enquanto sociedade “doadora” de significados que influencia o corpo-samurai nas artes marciais atuais.

De modo geral, o estado moderno parece perder sua função de doador diante da fúria

de uma visão mercadológica que solapa sentidos e desloca a todo instante os sentidos dessa forma-sujeito (samurai). Diante desse novo modo de relação simbólica, o corpo-samurai precisa construir outros espaços de significação para se inscrever. À medida que o estado provedor perde sua força simbólica, ante a força avassaladora de uma dinâmica de mercado que se coloca como força dominante, o corpo-samurai precisa se repensar como forma, fundando procedimentos e ligações capazes de transformar o fragmento numa situação já que é a única ancoragem imaginária que fica de todo o processo de constituição dessa figura que cada vez mais se torna híbrida. Mais do que nunca a apropriação ganha força enquanto instancia identificadora do viés de formação nas artes marciais. Sobressai nesse caso, a situação do karatê shotokan, cujo viés mostra que embora a federação invista na unificação do “currículo”, os indicadores mostram que “dissidências veladas”, conspiram contra este “órgão fomentador”, e guardião da ética do bushido cujo discurso, interpelado pela ética divergente do mestre claudica e adapta-se as novas condições impostas pela sociedade anunciando o primado das éticas mitigadas.

REFERÊNCIAS

CUNHA, W. B. **O Samurai**: A busca da iluminação pelo caminho da espada. São Paulo: Masdras, 2007.

DHOQUOIS, R. de. A Polidez Virtude das Aparências. Porto Alegre: L&PM, 1993.

DURAND, G. **O imaginário**: ensaio a cerca das ciências e da filosofia da imagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

FEDATTO, C. **Margens do sujeito no espaço urbano**. Campinas, SP: 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?Down=vtls000410345>>. Acesso em: Jun. 2015.

FERREIRA, N. T. Esporte, **jogo e imaginário social**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

HAROCHE, C. **Da palavra ao gesto**. Campinas: Papyrus, 1998.

HEINE, L. M. Bahia Reflexões sobre o sujeito social e o sujeito ideológico. **Revista Investigações**. v. 21, n. 2, 2008. Disponível em: < <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1460/1135>>. Acesso em Jun. 2015.

JOHNSON, M. **Moral imagination**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

MARQUES, L. M. B.; ABRAHÃO, V. B. B. A Metáfora e a Produção de Sentido. **Revista (Con) Textos Linguísticos**. V. 2, n. 2, 2008. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5212>>. Acesso em: Jun. 2015.

MIRANDA, J. Controlo e Descontrolo do Imaginário. **Comunicação e Sociedade**, v. 4, n. 1, 2005. Disponível em: < <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1264/1206>>. Acesso em: Jun. 2015.

MOREIRA, W. W. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 2003.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: Formulação e circulação dos sentidos Campinas, SP, Pontes 2001.

ORLANDI, E. P. (Org.) **Discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993.

PRONI, M. Observações sobre a história das artes marciais 400-410. In. **Coletânea**: Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. GEBARA, A.; MEZZADRI, F. M. (Org.). Campinas, Unicamp, 1994.

WEBER, M. **Ética protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

RATTI, O. **Segredos dos Samurais: As Artes marciais do Japão Feudal**. RATTI, O.; WESTBROOK, A. Tradução de Cristina Mendes Rodrigues. São Paulo: Madras, 2006.

REID, H.; CROUCHER, M. **O caminho do Guerreiro: O paradoxo das artes marciais**. Pensamento Cultrix, São Paulo, SP, 2010.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SOUZA, J. B. de.; GUERRA, V. M. L. A Metáfora no discurso do transgressor. **Anais do III Cellms, IV EPGL e I EPPGL – UEMS** – Dourados, 8 a 10 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://www.uems.br/cellms/2008/documentos/02%20-%20A%20METAFORA%20NO%20DISCURSO.pdf>>. Acesso em: Jun. 2015.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A Invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5ª edição, 2008.

SAKURAI, C. **Os Japoneses**. Contexto, SP, 2007.

THE SAMURAI AS A METAPHOR OF THE JAPANESE SOCIETY

Abstract: Since the medieval era the samurai-body marks the Japan identity. It's body genealogy shows that it assumes different forms due to its image's prestige and its relation with the Bushido. In the Tokugawa era, it was privileged by power and becomes a society's metaphor. In the Meiji era it becomes an icon in Japan. Actually it travels to the symbolic plan. In this study we analyse the samurai's body effectiveness of this samurai body and its ethics in the karate. We observed that the appropriation of this image changes the subjectivity of the practitioners and tends to reduce the Bushido's effectiveness.

Keywords: Samurai. Bushido. Karate. Metaphore.

EL SAMURAI COMO METÁFORA DE LA SOCIEDAD JAPONESA

Resumen: El Samurai-cuerpo, de Japón identidad de marca desde la época medieval. La genealogía de este organismo indica que toma diferentes formas dependiendo del prestigio de la imagen y su relación con el Bushido. En la era Tokugawa, privilegiados por el poder, se convierte en una metáfora de la sociedad después de la era Meiji, se convierte en el icono de Japón. Y ahora se desplaza hacia el plano simbólico. En este estudio, se analiza la eficacia de cuerpo-samurai y su ética en Karate. Tomamos nota de que la apropiación de la imagen cambia la subjetividad de los profesionales y tiende a reducir la eficacia de Bushido.

Palabras clave: Samurai. Bushido. Karate. Metáfora.